



“A Queimada não estanca”: experiência de mulheres no dispositivo grupal

“La Quemada no cesa”: experiencia de mujeres en el dispositivo grupal

"The Burn doesn't stop": experience of women on group dispositive

Larissa Niemann Pellicer

Laís Regina Schmitz

André Luiz Strappazon

Andréa Vieira Zanella

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Resumo

Neste artigo analisamos cenas emergentes de um projeto de pesquisa-intervenção intitulado "Oficinas de Artes na Queimada". O projeto investe no dispositivo grupal em encontros com mulheres que residem na periferia da cidade e na participação delas em eventos culturais, acadêmicos e feiras, oportunidade para a comercialização dos colares produzidos nas oficinas. As saídas para esses espaços nos confrontam com cenas em que se evidenciam as violências estruturantes das relações de gênero, classe, raça e etnia em nossa sociedade. Objetivamos analisar algumas dessas cenas e problematizar, a partir da ética de Espinosa e teóricos/as da Psicologia Social Comunitária, as forças que constituem a experiência das mulheres na relação com o dispositivo grupal, com a cidade e os efeitos e sentidos que a experiência produz em suas vidas. Analisamos também as relações que estabelecemos com essas mulheres e os deslocamentos que se produzem na direção de uma Psicologia implicada com lutas interseccionais.

Palavras-chave: Oficina de Artes; Pesquisa-Intervenção; Interseccionalidade; Mulheres; Dispositivo Grupal.

Abstract

This article analyzes scenes that have emerged along the project of research-intervention entitled "Art Workshops at Queimada". The project focuses on the group dispositive through meetings with periferic women, their communion in cultural and academic events, as well as solidarity economy fairs where the necklaces produced in these workshops are sold. These encounters confront us with scenes in which the structural violence of the relations of gender, class and ethnicity in our society is manifested. We aim to analyze some of these scenes and problematize - under Espinosa's Ethics and some theorists of social psychology - the lines that constitute the experience of these women in relation with the group dispositive and the city, and the effects and meanings that the experience produces in their lives. We also analyze the

relationships that we establish with these women and the shifts that take place towards a psychology involved with intersectional struggles.

Keywords: Art Workshops; Research-Intervention; Intersectionality; Women; Group Dispositive.

Resumen

Este artículo analiza escenas del proyecto de investigación-intervención titulado “Talleres de Artes en la Queimada”. El proyecto apuesta en el dispositivo grupal para los encuentros con mujeres residentes de regiones periféricas de la ciudad y en la participación de ellas en eventos culturales, académicos y ferias, oportunidad para la comercialización de los collares producidos en los talleres. Las salidas para esos espacios nos confrontan con escenas en las que se evidencian violencias sociales y estructurales de género, clase y etnia. Objetivamos analizar algunas de estas escenas a partir de la ética de Espinosa y teóricos/as de la Psicología social, las fuerzas que constituyen la experiencia de las mujeres en relación con el dispositivo grupal, con la ciudad y los efectos que la experiencia produce en sus vidas. Analizamos también las relaciones que establecemos con las mujeres y los desplazamientos en la dirección de una Psicología implicada con luchas interseccionales.

Palabras clave: Talleres de Artes; Investigación-Intervención; Interseccionalidad; Mujer; Dispositivo Grupal.

Introdução

Quem chega à Ilha de Santa Catarina pela ponte que a conecta ao continente ou quem parte do centro rumo ao aeroporto localiza em seu horizonte um elevado maciço rochoso, alongado em sentido norte-sul. Trata-se do Maciço do Morro da Cruz, um local marcado pelo intenso processo de ocupação humana de suas encostas devido à exclusão socioeconômica que remonta aos tempos da escravização.

Nesse território central e periférico as pessoas que o habitam sofrem pela ausência de investimento público e violação cotidiana de seus direitos, somada ao não reconhecimento de sua contribuição à história da cidade. Em direção à construção de uma Psicologia implicada com as existências que ali habitam e à luta antirracista é que desenvolvemos, na localidade conhecida como Morro do Mocotó-Queimada, o projeto de pesquisa-intervenção "Oficinas de Artes na Queimada".

Ao estudar a geografia histórica da pobreza na antiga Desterro nos séculos XVIII, XIX e XX, Santos (2009) constata que o universo conhecido hoje como Morro do Mocotó-Queimada foi refúgio para aqueles que eram expulsos da cidade em processo de modernização. O próprio nome do morro, Mocotó-Queimada, traz as marcas dessa história. “Mocotó” deriva da sopa de pé de boi que as mulheres negras do morro vendiam aos trabalhadores que construíram a primeira ponte de ligação da ilha com o continente. Mais ao alto, para a retirada e venda de lenha, os moradores realizavam queimadas, o que deu origem ao nome da comunidade em questão. Assim, cozinheiras, lavadeiras, pescadores e trabalhadores do Porto e do Mercado Público foram gradativamente construindo suas moradias com caixas de madeira e latas de querosene e, conforme contam, tecendo suas histórias, encontrando nascentes.

A Queimada tem duas entradas principais, por vias asfaltadas estreitas e íngremes, e acessos por escadarias sinuosas

e escarpadas. Chegando-se ao topo, é comum divisar-se duas vans da Polícia Militar em ocupação permanente desde maio de 2018; em frente, uma igreja evangélica. Sempre há crianças e animais correndo e andando livremente pelas ruas, as pipas ao ar, o trânsito regular de pessoas, a espera pelo ônibus no ponto final.

A poucos metros da igreja e da polícia está uma construção horizontal com 6 salas amplas e um salão, espaço conquistado com muita luta encabeçada especialmente por mulheres da comunidade. A Cooperativa do Morro da Queimada, localidade onde desenvolve-se este projeto, existe desde que foram edificadas as “casinhas” - residências populares estreitas, de dois a três andares, geminadas, construídas via projeto público habitacional para pessoas de baixa renda em meados dos anos 2000.

Iniciado em 2017 com experimentações de grafite, papel colê, pinturas e desenhos, as atividades do projeto de pesquisa-intervenção "Artes na

Queimada" voltaram-se em 2018 para a confecção artesanal de colares. Participam semanalmente dos encontros que acontecem em uma sala da cooperativa, com duração de três horas cada, em média seis mulheres, com idades variando entre 40 e 61 anos e identificações variadas de raça e etnia, posto que duas delas se afirmam enquanto mulheres negras. Os interesses das participantes guiam as atividades propostas e o trabalho em grupo se realiza a partir de conversas sobre temáticas que emergem a cada encontro: as relações entre as participantes e as situações cotidianas, as marcas do tempo em suas histórias e em suas vidas, as relações atuais que lhes são significativas, a organização comunitária, a possibilidade de geração de renda, a abertura de novos possíveis.

A produção de colares realizada pelo grupo, com materiais e insumos adquiridos por meio de doações, tem sido comercializada em eventos culturais, acadêmicos e feiras de economia solidária da cidade, com o lucro integralmente

revertido para as mulheres, o que contribui para a complementação da precária renda familiar. As saídas das mulheres para esses espaços outros, em sua maioria não familiares a elas, têm produzido acontecimentos que deslocam tanto a elas como a nós de lugares até então sabidos; são saídas que nos confrontam com cenas marcadas por violências estruturantes das relações de gênero, classe, raça e etnia em nossa sociedade, produtoras de subalternidade nas relações, como aponta Akotirene (2020). Algumas dessas cenas são trazidas nesta escrita, posto que nos convocam a problematizar as linhas de força que constituem a experiência nas oficinas, com o dispositivo grupal e com a cidade, bem como os efeitos e sentidos que essa experiência produz em suas vidas. Eis, pois, o objetivo do presente artigo. Com a análise dessas cenas, tecemos também reflexões sobre os nossos lugares na relação com as mulheres e os deslocamentos que se produzem, uma vez que as autoras que fazem parte desta escrita se reconhecem

enquanto brancas, encontrando privilégios desse marcador no andamento da pesquisa e em suas vivências. Nesse sentido, buscamos construir uma Psicologia implicada com a luta antirracista, compreendendo que “...reconhecer a branquitude que nos constitui e que atravessa os processos sociais em nosso país é fundamental se quisermos transformar também seus efeitos nefastos” (Zanchet & Palombini, 2020).

Em cada encontro com as mulheres, apostamos no grupo em sua condição de dispositivo para fazer ver e falar (Deleuze, 1990) e, por conseguinte, para a superação do sofrimento-ético-político e o aumento da potência de existir e agir (Sawaia, 2008). O mesmo se vale como princípio ético: fazer rizoma, deixar nascer multiplicidades cujas composições e vibrações possibilitem que as alegrias ativas sejam predominantes, abrindo brechas que alarguem os horizontes de liberdade coletiva.

Propomos pensar o grupo enquanto plano de produção de subjetividades, ou como convida Barros (2009), rachar o

grupo desestabilizando as dicotomias que mantém indivíduo, grupo e sociedade como unidades separadas; investimos na expressão e visibilidade de ideais normativos para que de suas fissuras possam emergir novos possíveis. Para tanto, recorreremos à discussão de Espinosa sobre o modo como a experiência afetiva pode incidir sobre processos de transformação. Para o autor (Espinosa, 1677/2015), a natureza de um corpo é entendida segundo seu grau de potência, isto é, seu poder de afetar e ser afetado, que se efetua no encontro entre corpos singulares. A afetividade, entretanto, não se refere apenas a uma dimensão corporal, no senso comum muitas vezes confundida com sentimento. Na filosofia de Espinosa ela assume estatuto ontológico, epistemológico e político. Ora, os limites do grau de potência das linhas de natureza diversas que compõem um dispositivo grupal permanecem em aberto desde que não se sabe o que pode um corpo quanto a sua potência de afetar e ser afetado.

Entendido não como uma essência, mas como modo de existir de uma potência relacional, o corpo humano é definido a partir das relações de afetação com outros corpos, dos quais necessita para compor-se e variar. Para se referir a esta potência para conservar-se e expandir-se na existência o autor usou o termo latino *conatus*, que, quando compreendido como ação que se efetua ao mesmo tempo no corpo e na mente, é desejo. Não compreendido como falta, mas como produção, o *conatus* é o “. . . apetite de que temos consciência . . . É o poder para existir e persistir na existência . . . É a pulsação de nosso ser entre os seres que nos afetam e são por nós afetados” (Chauí, 2011, p. 46). A compreensão do corpo enquanto variabilidade de potência de existir que se efetua em contextos relacionais, por sua vez, necessariamente abre a discussão para o campo do político. A qualidade ética da vida é política uma vez que o que define alguém é inseparável do campo relacional, dos encontros que os corpos efetuem. Espinosa chama de alegria

os afetos que nos encontros aumentam a potência de existir dos corpos; designa como tristes os afetos que a diminuem. Nesta mesma linha, Sawaia (2008), partindo da filosofia de Espinosa, cria o conceito de sofrimento ético-político para designar as relações que afetam os corpos de tristeza, diminuindo a potência de agir sobre si e as condições políticas de existência.

Os pressupostos de Espinosa nos permitem o investimento na composição de espaços relacionais em direção a uma ética de encontros voltados à produção de alegrias, base da potência de agir, existir e da liberdade. Revelam-se, deste modo, como ferramentas de transformação e como princípio ético a direcionar relações comunitárias no contexto da práxis da Psicologia Social e Comunitária, bem como abrem caminho para a sustentação do grupo enquanto dispositivo.

Deleuze (1990) enfoca o conceito de dispositivo como um conjunto multilinear de linhas - ou de forças - em desequilíbrio

que encadeiam estâncias de saber, poder e subjetividade, sempre variadas e relacionadas entre si. Nunca remetido a um universal, o dispositivo é abordado como processo singular que opera visibilidades e dizibilidades imanentes que produzem subjetividades ao mesmo tempo em que delineiam processos sociais, de modo que “cada dispositivo é uma multiplicidade na qual esses processos operam em devir” (Deleuze, 1990, p. 4-5). Remetido ao grupo, o conceito de dispositivo desvia a reflexão das lógicas identitárias, do grupo como estrutura estável, bem como daquelas que o apreendem a partir da ideia de equilíbrio, de papéis definidos.

Desta forma, atentas ao plano ético-político que atravessa os corpos, constituindo-os em sua potência de existir, apostamos nos encontros com as mulheres participantes do projeto Artes na Queimada como plano de produção de afecções que indicam uma prática psicossocial direcionada à resistência e criação. Os fundamentos espinosanos, combinados com

a proposta de dispositivos grupais, tem-nos possibilitado experimentar o grupo como devir na produção de encontros entre diferenças, encontros compreendidos nos termos da afetividade imanente, buscando a ampliação dos modos de existir a partir da prática. Mas isso não acontece sem tensões com as linhas de força que visam obliterar essa ampliação, o que veremos nas cenas analisadas neste artigo.

Ferramentas teóricas disponibilizadas pela ética de Espinosa (1677/2015), por autoras como Bader Sawaia (2008), Regina Benevides de Barros (2009) e Suely Rolnik (2018), foram eleitas para as análises, juntamente com as contribuições de Carla Akotirene (2020), Maria Aparecida Bento (2014), Kimberlé Williams Crenshaw (2002) e outras/os autoras/es negras/os. As discussões que apresentam sobre colonialidade, branquitude, interseccionalidade e racismo estrutural nos ajudam a problematizar nossas próprias práticas.

Método

Esta pesquisa-intervenção¹, de caráter cartográfico (Passos, Kastrup, & Escóssia, 2010), pressupõe a inseparabilidade entre aquele que pesquisa e o que é pesquisado (Rocha & Aguiar, 2003). Trata-se de um pesquisar qualitativo de caráter interventivo em que a produção de conhecimentos é concomitante à produção tanto do sujeito que pesquisa quanto dos acontecimentos pesquisados. Por conseguinte, assumimos a postura daquele que acompanha processos sociais e psicossociais sem descuidar da problematização do lugar que ocupamos como sujeito e pesquisadores/as. Por este motivo, atentamos para as sutilezas implicadas no encontro entre pesquisadoras e campo de pesquisa, tomando o cuidado para não cair nas armadilhas dos lugares de fala que nos colocam o risco de assumirmos e reproduzirmos práticas de normatização, dominação e produção de subalternidades. Deste modo, assumimos a “. . . posição de

pesquisador em transformação, que se modifica nos encontros possibilitados neste campo” (Oliveira, Oliveira, & Almeida, 2019, p. 109).

Para a escrita deste artigo, duas fontes de produção de informações sobressaem: a participação nas oficinas do projeto e nos eventos junto às mulheres; conversas informais e entrevistas com as participantes, realizadas com roteiro norteador, porém aberto ao fluxo das trocas. O diário de campo foi a ferramenta principal para o registro das informações produzidas. Compreendido de forma ampla, o diário se configura como ferramenta de registro, reflexão, resumos, recortes, mapeamentos.

Desses registros recortamos, para análise, três cenas, escolhidas em virtude da importância dos acontecimentos para o desenrolar da pesquisa. São cenas em que observamos uma afetividade potencializadora de transformação, de variação dos processos de subjetivação através dos encontros, bem como,

reveladoras das relações de opressão que atravessam os cotidianos destas mulheres. Todas aconteceram em espaços pouco frequentados pelas mulheres participantes do Artes na Queimada; lugares em que foram expor e comercializar os colares confeccionados nas oficinas.

Nas análises, mapeamos as linhas de força que constituem a experiência dessas mulheres na relação com o processo grupal, com a cidade, e os efeitos e sentidos que a experiência produz em suas vidas, ao mesmo tempo em que arriscamos refletir de que modo nós, pesquisadoras, estamos implicadas. São linhas que compõem modos de existência psicossociais, e visibiliza-las é condição para se produzir, a partir do coletivo, alternativas para a atuação em Psicologia pautada eticamente no compromisso com a ampliação das possibilidades de existência.

Resultados

Apresentamos a seguir três cenas que produziram fissuras no grupo. Essas cenas evidenciam os traços dos encontros entre corpos interceptados por múltiplas linhas de força que, na intensidade das afecções produzidas com o dispositivo grupal, foram visibilizadas, estendidas, tensionadas.

Cena Um: “Deveria estar pregando a palavra de Cristo ao invés de vender colar”

No trabalho com as mulheres do Artes na Queimada, as alternativas ao biopoder (Foucault, 1999) se apresentam indissociáveis da criação de modos de existência que performam as demandas vitais, o suficiente para que se reativem nos diversos lugares da vida social. Com isso queremos apontar a constante reatualização dos encontros com as lógicas disciplinares de controle do corpo, combinadas com a gestão populacional, por meio de práticas, exercícios e instituições, que tomam a vida

como objeto do poder (Foucault, 1999) - práticas, aliás, que sempre corremos o risco de reproduzir a partir dos lugares institucionais que ocupamos. É o que vivenciamos quando as artistas descem o morro e circulam por espaços como a praça central da cidade, local familiar para quem outrora fez de um dos bancos, sua cama. Nessa praça, as mulheres do Morro da Queimada, enquanto expõem e comercializam os colares em uma barraca da prefeitura, obtida por intermédio do CRAS-Centro, reconhecem aliados e identificam-se com eles, como que se por um instante habitassem um outro tempo, porém a partir de um lugar social outro: são feirantes, assim como tantos outros que estão em barracas contíguas.

Já era fim de tarde quando, em um dos dias de feira, um homem que por ali passava atendeu aos sucessivos convites de Maria: “Compre um colar para sua noiva, moço”. Era o pastor da igreja que a artista frequentava em sua comunidade. Ao se aproximar, este a reprimiu com a bússola da

moral evangélica e fixou os papéis determinados historicamente para mulheres subalternizadas: “Deveria estar pregando a palavra de Cristo ao invés de vender colar”. Maria ficou constrangida e se esforçou por justificar sua atividade. Movidas pela confusão que a situação provocou em nós, resolvemos intervir: “Vocês não usam colares? Qual o problema com eles?”, uma de nós perguntou, ao que o pastor respondeu: “Nós não precisamos de acessórios. O que é belo está lá dentro”. E partiu.

Passados alguns minutos do acontecimento, Maria contou fatos de seu passado como quem confessa, histórias de vida anteriores ao seu encontro com a religião que passou a determinar “o certo” e “o errado” para ela. A escuta foi o possível naquele momento, balizada pela nossa dificuldade em responder à violência estrutural das palavras aparentemente singelas do pastor que recriminaram as mulheres por estarem ali; por tentarem alçar voos fora das rotas programadas das

instituições religiosas, da família e do Estado; forças molares e normativas objetivadas em palavras que as reprimiram na medida em que desqualificaram sua produção artística como meio de subsistência, sua postura na cidade e, por conseguinte, a elas mesmas.

Como fazer frente a essas violências que buscam subjugar e silenciar mulheres, balizadas por condições interseccionais e contextuais de sexo-gênero, geração, etnia, raça, deficiência e classe social, as quais se acrescentam as questões de religião?

Seguindo a postura ética-política e ontoepistemológica que assumimos, ao falarmos em Psicologia no trabalho com mulheres de periferia, não temos como seguir ignorando essas violências, expressão da colonialidade do poder, do ser e do saber (Quijano, 2015) enquanto desdobramentos do projeto eurocêntrico colonial. Ao intervir com o dispositivo grupal, podemos pensar no desenho de corpos políticos de mulheres de classes subalternizadas, afrodescendentes, em uma

luta decolonial de restituir suas subjetividades, suas vozes, suas vontades?

O simples ato de escutar as histórias de vidas dessas mulheres traz em si a possibilidade de denunciar os silenciamentos e violências por elas vivenciadas? Como as lógicas hegemônicas produzem opressões àquelas mulheres que estão desconformes com as produções da colonialidade?

Não temos respostas imediatas a essas perguntas. O que a cena apresentada nos provoca é a problematizar as formas de dominação reproduzidas pelas instituições e mecanismos do sistema capitalista colonial-moderno a partir das relações de hierarquia entre brancos e não-brancos, de gênero e de classe. Vale ressaltar que a desigualdade de gênero passou a operar em conjunto com a hierarquia racial, visto que homens e mulheres não vivenciam o racismo igualmente (Crenshaw, 2002). Nesse sentido, existem inúmeras formas e situações nas quais esses mecanismos operam, se sobrepõem e entrecruzam,

produzindo incessantemente complexas explorações, desigualdades, violências e mortes. Como os marcadores sociais da diferença articulam-se no campo pesquisado? O que precisamente se combina e se cruza em nossas relações atravessadas por “. . . lógicas de privilégio, opressão e desumanização – que podem ou não ser explícitas” (Díaz-Benítez & Mattos, 2019, p. 85)?

Faz-se necessária uma leitura interseccional das desigualdades em questão. Como demonstrado por Carla Akotirene (2020), estudiosa do termo cunhado em 1989 por Kimberlé Crenshaw para a colisão simultânea das estruturas da matriz colonial, “a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórica-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.” (Akotirene, 2020, p. 19)

As autoras dão enfoque à necessidade de atentar-nos às várias formas pelas quais a violência estrutural manifestada nas relações de gênero e raça convergem com uma gama de outras especificidades que diferem a vulnerabilidade sofrida por cada mulher na categoria mais ampla. Tal problema não aponta unicamente para a invisibilização que a redução da discriminação a uma única categoria implica, mas ao fato de que “onde os contornos específicos da discriminação de gênero não são bem compreendidos, as intervenções para tratar de abusos aos direitos humanos das mulheres serão provavelmente menos efetivas.” (Crenshaw, 2002, p. 174). Esses conceitos são, portanto, vitais para a atuação em Psicologia. Não se pode negligenciar que a população periférica, pobre e em sua maioria negra, teve historicamente um lugar prejudicado na formulação de políticas públicas. Não é à toa a presença das organizações religiosas nas periferias, instaladas ali onde o Estado se ausentou.

Importante destacar que a interseccionalidade não se trata da simples adição de ordens de dominação (Díaz-Benítez & Mattos, 2019). De acordo com as autoras, “nem raça, nem gênero, nem classe são espaços separados, nem existem de modo isolado, mas o fazem de modo articulado e precisam ser entendidos por meio de sua relação.” (Díaz-Benítez & Mattos, 2019, p. 80). Mulheres, negras, pobres, mães solteiras, deficientes: produção de diferenças que não existem separadas de outras diferenças, construções simultâneas que se dão em contextos de interação, histórias e situações concretas. Atentar-se para essa articulação é fundamental para não essencializar as categorias, de forma que suas análises sejam críticas e o encontro com a diferença possível. Eis uma exigência política própria do referencial teórico que escolhemos aqui.

...em nossas análises, raça, gênero, classe ou etnicidade não precisam ser vistos de modo antecipado e natural, unicamente como

marcadores limitantes ou que impedem a agência dos sujeitos, mas como marcadores que, dependendo dos contextos sociais e das relações estabelecidas, provavelmente possibilitam a ação, inclusive quando essas ações estejam pautadas desde um ponto limitado do poder. (Díaz-Benítez & Mattos, 2019, p. 79)

É o que nos mostram estas mulheres que, atravessadas por estas distintas hierarquias sociais que tentam de todos os modos capturá-las, insistem em produzir e comercializar seus colares. As brechas e ranhuras por onde escapa sua resistência velada e força de criação, a todo tempo, ilustram que a força de existir das mulheres da Queimada não estanca.

Cena Dois: Os Lugares Determinados

Convidamos as mulheres para participar de dois eventos na universidade, um após o outro, em uma mesma semana: a

Jornada SUAS (Jornada do Sistema Único de Assistência Social) e a SEPEX (Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC)². Como em outras situações, nos dispomos a acompanhá-las no trânsito por ambientes não familiares a elas, oportunizar espaços para a venda dos colares e, sobretudo, experimentarmos encontros em outras situações fora das limitações seguras do Morro da Queimada. Até então estávamos semanalmente subindo o morro, saindo de nossa zona de conforto limitada às lides acadêmicas no campus universitário. O convite provocava no sentido inverso: elas desceriam, viriam transitar por um lugar que de certo modo lhes era inacessível, bem como a seus pares, em virtude dos históricos processos de exclusão de determinadas camadas sociais do ensino superior em uma instituição federal no Brasil³. Foi, esse convite, logo traduzido por elas como oportunidade para “a venda dos colares”. Perguntávamos a nós mesmas que forças poderiam ser mobilizadas com elas participando de uma das mesas da Jornada

SUAS e transitando pela SEPEX, visitando estandes, conhecendo diferentes projetos e pessoas.

No primeiro dia da SEPEX, chegamos cedo para montar nosso estande, que incluía dispor as mesas e cadeiras, cartazes, banner, arranjar espaços para a produção e a exposição dos artesanatos. Logo que terminamos a montagem, três das mulheres pediram para ir ao banheiro. Como não conheciam a universidade, as acompanhamos. Entraram e ficamos esperando na porta para retornarmos juntas. Passados alguns minutos elas retornaram, rindo entre si. “O que foi?”, perguntamos. “Não foi nada, é que a moça lá dentro pediu para que a gente limpasse o banheiro que estava sujo”.

Esta cena reitera a relação das mulheres com a cidade e a delimitação dos espaços de pertença, frutos de uma desigual distribuição de poder político, econômico e social e de bens materiais e simbólicos. Denuncia o racismo que sobre seus corpos incide cotidianamente, demarcando

desconfortos com as saídas para fora dos limites do morro, espaço entre iguais às margens da cidade e dos lugares institucionais de poder e decisão.

É recorrente e reiterado, em nossas saídas para eventos, feiras e passeios, ouvi-las relatar situações como essa. Os desconfortos nos revelam, essencialmente, “os legados cumulativos da discriminação, privilégios para uns, déficits para outros, bem como as desigualdades raciais que saltam aos olhos” (Bento, 2014, p. 147). Compreender as desigualdades postas como um problema relacional nos posiciona enquanto brancos e brancas, de classe média e nível superior de escolarização, nas relações que construímos com as mulheres. Carregamos o privilégio concreto e simbólico da brancura em um sistema de relações assimétricas entre brancos e não-brancos, à qual Maria Aparecida Bento (2014) se refere quando denuncia a branquitude no Brasil:

Pensar a branquitude no bojo das relações raciais significa, portanto,

retirá-la do privilégio da neutralidade e, por conseguinte, de uma invisibilidade assegurada pelo manto da norma. Isto é, ser branco no xadrez das relações raciais é ser não marcado, não rotulado porque normal, parâmetro do que é tomado por universal; uma universalidade que não se estende a todos, mas a uma minoria para a qual se direcionam todos os direitos, desde o merecimento à vida até a representação na mídia e em todos os espaços institucionais, especialmente naqueles de poder e decisão. (Muniz, 2019, p.58)

Isto posto, o que fica evidente com a cena relatada é o privilégio de um corpo político branco como o nosso e provavelmente de quem interpelou as mulheres da Queimada no banheiro, carregado dos signos do projetado como universal. A cena evidencia o outro da norma que reitera este lugar, apesar da condição ali ser outra: as mulheres da

Queimada estavam como expositoras em uma feira de pesquisa e extensão universitária e, embora os crachás que usavam evidenciassem isso, o que se viu com força nas relações entre os corpos foi a indicação de qual lugar podiam ocupar e do que lhes seria próprio fazer ali.

As sobreposições de opressões que o sistema patriarcal/moderno/colonial impõe às mulheres subalternizadas (Crenshaw, 2002) se inscrevem em seus corpos, e esses marcadores de classe, gênero, sexo e raça, produzem vulnerabilidades, invisibilidades, violências. Nos posicionando enquanto corpos e corpos brancas, evocamos mais uma vez à brasileira Akotirene quando coloca que “cabe à identidade branca usar a interseccionalidade para desconstruir a falsa vulnerabilidade uniformizada, demonstrar o contexto das branquitudes” (Akotirene, 2020, p. 49).

A recepção no banheiro, além de desnudar a dificuldade de transpor barreiras entre espaços, posições e corpos, produziu

efeitos nos outros dias que estiveram na universidade. Na SEPEX, ficaram por três dias no fundo do estande e recusaram nossos reiterados convites para circular, para estar na frente apresentando suas artes para os(as) visitantes. Visibilizaram o desconforto de serem marcadas como não-brancas, bem como a violência de classe que incide sobre os corpos negros.

Sawaia (2006) aponta que a pobreza e a exclusão social não dizem respeito apenas às condições materiais de existência, mas tem incidência sobre a produção de subjetividades. A partir do conceito de sofrimento-ético-político (Sawaia, 2008), a autora esclarece que a desigualdade social – fator político – produz sofrimento em um sentido ético da existência, qual seja, uma diminuição da capacidade corporal e subjetiva de existir e resistir às adversidades, a diminuição da capacidade de um corpo afetar e ser afetado. Tal compreensão reflete a indissociabilidade das estratégias de dominação que o racismo e a branquitude refletem. O que vimos

naqueles dias, com o riso sem graça com que nos contaram da violência sofrida no banheiro da instituição historicamente edificada com as lógicas da branquitude e do capacitismo, foi esse sofrimento ético-político e as condições de sua produção.

Cena Três: A pulseira que desata o certo e o errado

As mulheres aceitaram o convite para compor a mesa sobre trabalhos em grupos no contexto da assistência social no primeiro dia da Jornada SUAS. Reunimo-nos com antecedência em um dos cafés da universidade, próximo ao local do evento, para conversar, beber e comer algo. Estávamos numa das semanas entre o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais de 2018, e nas mesas do café não se falava de outra coisa. As conversas nos rodeavam e foi inevitável a pergunta chegar até nós: “em quem vocês vão votar?” Entre as respostas das mulheres participantes do Artes na Queimada, uma

chamou nossa atenção: “vou votar no Bolsonaro, porque ele nos ajuda a organizar melhor as coisas, a separar o certo do errado, o bem do mal”. Engolimos nossos cafés e fomos para a Jornada.

Compreendemos esta fala como um dos modos de objetivação dos diversos assuntos que emergiram em nossos encontros com as mulheres. Enquanto colares eram confeccionados, ouvíamos e tensionávamos as falas que visibilizavam o reconhecimento de nossa suposta superioridade de classe e raça; teciam as mulheres comentários sobre nosso jeito de falar, vestir, sobre o acesso a recursos que lhes eram difíceis; outrora violentadas, reproduziam o discurso machista de culpabilização da mulher vítima de violência; evidenciavam preconceito com crenças e práticas religiosas de matriz africana; afirmavam o pecado, nojo e castigo que recaem sobre relações destoantes do padrão cisheteronormativo.

O que não sabíamos naquele primeiro dia da Jornada SUAS é que uma

das estagiárias de Psicologia, que acompanhava o grupo via CRAS-Centro e que participava do projeto Artes na Queimada desde 2017, estaria presente com sua companheira em ambos os eventos. Anterior a esse dia, ela relatava a angústia, o receio sobre o que pensariam e como seriam afetadas as mulheres participantes do projeto ao saber de seu relacionamento lésbico, apesar do vínculo com elas estabelecido. Resolveu enfrentar a situação, visitando nosso estande na SEPEX de mãos dadas com a namorada.

Maria, que nos informou sua decisão de voto nas eleições presidenciais com base no conhecimento do certo e do errado, estava sentada no fundo do estande e confeccionava uma pulseira. Olhou para a estagiária e sua companheira e em seguida perguntou para a primeira: “ela é sua namorada?” A estagiária respondeu afirmativamente. Maria abaixou a cabeça e continuou concentrada produzindo a pulseira, só levantando quando a terminou. Aproximou-se da estagiária, presenteou-a

com a pulseira que acabara de fazer e disse: “este é um presente meu para você. E não vou mais votar no Bolsonaro”.

Que relação fez ela entre o certo e o errado que anteriormente justificava o seu voto e o posicionamento diante daquele imprevisto encontro com a diferença? Que tensões éticas produziu o encontro com alguém que lhe era de confiança, uma mulher jovem que lhe apresentava a namorada? Conforme nos permite pensar Espinosa (1677/2015), a Ética trata da composição de uma natureza comum a partir da qual se relacionam forças e poderes. Assim, a experimentação, que na cena apresentada começa pela decisão da estagiária de assumir sua sexualidade às mulheres, visibiliza quais e de que forma as relações podem compor-se para formar uma nova relação mais “estendida”; ou se as forças podem se compor de modo a constituir um poder e potência mais intensos, que façam a vida transitar não em um sentido teleológico, balizado por noções de certo e errado cunhadas em preceitos

morais estanques, mas que possa se expandir “para os lados”, ou seja, em intensidades e possibilidades múltiplas de relações.

Espinosa (1677/2015), ao considerar mente e corpo como duas expressões distintas de uma mesma substância, afasta o entendimento de que um pode agir sobre o outro, de que a razão e o afeto são entidades distintas. Corpo e mente, ou, em termos mais contemporâneos, corpo e subjetividade, “. . . são ativos ou passivos juntos e por inteiro, em igualdade de condições e sem relação hierárquica sobre eles” (Chauí, 2011, p. 89, grifos da autora). Esta concepção nos abre a possibilidade de compreender que o que possibilitou a mudança de perspectiva de Maria sobre o certo e o errado não passa por um simples entendimento da razão em seus termos tradicionais, mas sim, pelo afeto produzido nos encontros com a estagiária, possivelmente mediante a insistência desta de colocar-se disponível, de gostar de estar na presença das mulheres, de preocupar-se

com suas vidas e com o contexto comunitário e pelo esforço de compor a presença e a escuta sem julgamentos. Neste sentido, não se trata de promover um processo de conscientização, aquele em que um sabe e explica para o outro o que é certo ou errado, mas da simples presença e compreensão afetiva de outras possibilidades de existência em seu sentido ético de ampliação.

Não sabemos qual o alcance e de que modo podem perdurar os efeitos desse acontecimento. Sabemos, entretanto, que por um momento as possibilidades relacionais de existência foram definidas por si mesmas, imanentes aos corpos em relação e não por absolutos transcendententes. Isso nos indica uma direção a ser investida na produção dos encontros no dispositivo grupal em contextos comunitários: o esforço de forjar na diferença outros possíveis que impliquem alegria imanente de agir e existir determinando seus próprios afetos. Pensamos, na direção de Oliveira e cols. (2019) que

Trata-se de viver a experiência do comum. Desta experiência que passa pelo corpo e pela alma, que os toma de sobressalto e que tira o ar. Assombrados com sua intensidade, nada podem fazer senão vivê-la. A experiência que ali se fez não estava prescrita, nem prevista. Ela se faz neste encontro entre dois seres tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão parecidos, provenientes de mundos tão distantes e tão próximos, com visões de vida tão díspares e tão iguais. Estes seres que se abrem à experiência e nesta experiência produzem o comum (p. 122-123)

Esta cena, assim como as demais apresentadas e discutidas, visibiliza que caminhamos, no projeto Artes na Queimada, atentas aos corpos, às forças e afetos imprevisíveis a cada encontro. As trocas não são de conteúdo, mas sim de perturbações que nos lançam ao desafio de nos constituirmos outros, operando “remanejamentos nos mapas dos

dispositivos” (Gama, Andrade, & Mizoguchi 2019, p. 40), forçando linhas de subjetivação para além da colonialidade do poder, desviando dos lugares que nela assumimos, abrindo espaços para a vida pulsar além das opressões.

Conclusões

O trabalho que vimos desenvolvendo junto às mulheres do Morro da Queimada nos permite compreender que a participação delas no projeto tem contribuído de certa maneira para o aumento da potência de existir e superação do sofrimento ético-político. O complemento de renda alcançado com a venda dos colares, fator fundamental para suas vidas, é um dos indicadores desse movimento. Além disso, identificamos a constituição e/ou fortalecimento de vínculos entre as participantes, entre elas e nós; a produção da afecção de amizade; o compromisso com o espaço físico da Cooperativa, assim como a participação

ativa em sua organização; o aumento do interesse pelas linguagens artísticas, acessadas tanto nas oficinas quanto na busca por outros meios.

Na condição de psicólogas/os, como elas a nós se referem, percebemos que as mulheres encontraram no grupo sustentação afetiva e escuta qualificada para a narrativa de aspectos marcantes de suas vidas e cotidianos, e acreditamos, também, que essas ações contribuem para ganhos de autonomia e emancipação, o que significa, conforme os referenciais teóricos aqui expostos, ter força para agir sobre as condições de existência que determina sermos aquilo que somos, e nos transformarmos. Mas esse movimento é marcado por desafios constantes, pela luta contra violências de várias ordens e intensidades.

Compreendemos que o dispositivo grupal, no encontro imanente entre os corpos e os locais por onde se circula, abre brechas de visibilidades e dizibilidades que escancaram o racismo estrutural, as tensões

de gênero, sexo e classe demarcadoras dos lugares que ocupamos. Visibiliza também tentativas de desfazer normatizações via micropolíticas dos encontros cotidianos, as quais tensionam as forças molares que reatualizam modos de existência enrijecidos. Assim, acreditamos construir, na relação com as mulheres com as quais trabalhamos no projeto Artes na Queimada, práticas éticas antirracistas, comprometidas com a afirmação da vida e com a potência dos encontros. Mas esse é um processo longo, marcado por vicissitudes decorrentes das linhas de força que nos constituem e que, com o dispositivo grupal, nos dispomos a tensionar. Essas forças nos desafiam constantemente em nossa orientação ética de ampliar modos de existência questionando o nosso próprio lugar social. Como nos aponta Rolnik (2018),

Lograr conservar a vida depende de negociar com as formas vigentes na superfície do mundo, de modo a encontrar os pontos onde o desejo,

compreendido enquanto produção de existências, poderá perfurá-la para neles inscrever os cortes da força instituinte. Uma bússola ética o guia: sua agulha aponta para as demandas da vida em sua insistência em persistir, mantendo-se fecunda, a cada vez que se vê impedida de fluir na cartografia do presente. Tal bússola orienta as ações do desejo no sentido da criação de uma diferença: uma resposta que seja capaz de produzir efetivamente um novo equilíbrio para a força vital, o que depende de seu poder de atualizá-la em novas formas. Esta é a natureza do que se pode chamar de um “acontecimento”, o qual é produzido por este tipo de política do desejo: um devir da subjetividade e, indissociavelmente, do tecido relacional no qual gerou-se sua turbulência e seu ímpeto a agir. (p. 64)

De fato, o que nos faz grupo é, paradoxalmente, o compartilhar do comum, entendido como plano heterogêneo e plural composto por seres singulares e seus encontros num terreno partilhado de expansão da vida, e seguir na tentativa de sempre reconstruí-lo nos fluxos do dispositivo grupal. E é precisamente aí que habita essa potência transformadora: a afecção enquanto força que resiste, que a todas desloca e potencializa, às vezes pelas brechas, às vezes face a face, pelo simples fato de dilatarmos-nos em nossas verdades e assim percebermos nossa capacidade de emancipação coletiva. Ampliar as possibilidades de relação e ação com o diverso é de interesse vital, e é nessa direção que a Queimada não estanca.

Notas

¹ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, parecer número 3.729.428, Certificado de Apresentação de Apreciação Ética número 18627719.3.0000.0121. As participantes firmaram termo de consentimento livre e esclarecido. Os nomes que aparecem aqui são fictícios.

² A Jornada SUAS, é organizada anualmente pelo Departamento de Psicologia da UFSC e congrega pesquisadores/as e profissionais dos serviços de assistência do município. A Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC, consiste em evento

de divulgação científica e de atividades de extensão desenvolvidas na universidade.

³ Osorio (2009), ao analisar dados da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2006 em todo o território nacional, evidencia que existe uma associação forte entre classe, raça e conclusão do ensino médio, pré-requisito para ingressar no ensino superior no Brasil. Pessoas negras de baixa renda são as mais prejudicadas.

Referências

- Akotirene, C. (2020). *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra.
- Barros, R. B. (2009). *Grupo: a Afirmação de um simulacro*. (2ª ed.). Porto Alegre: Sulina
- Bento, M. A. S. (2014). Branqueamento e branquitude no Brasil. In Carone, I.; Bento, M. A. S. (org.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Chauí, M. S. (2011). *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 171-188. DOI: 10.1590/S0104-026X2002000100011
- Deleuze, G. (1990) ¿Que és un dispositivo? In *Michel Foucault, filósofo* (Nascimento, F. N., Trad.). Barcelona: Gedisa, 155-161.
- Díaz-Benítez, M. E. & Mattos, A. (2019). Interseccionalidade: zonas de problematização e questões metodológicas. In *Metodologia e relações internacionais: debates contemporâneos: vol. II* / Isabel Rocha de Siqueira et al. (organizadores). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. Recuperado de: [http://www.editora.puc-rio.br/media/Metodologias_e_RI_voluma-2%20\(1\).pdf](http://www.editora.puc-rio.br/media/Metodologias_e_RI_voluma-2%20(1).pdf).
- Espinosa, B. (2015). *Ética*. (Trad. Grupo de Estudos Espinosanos) São Paulo: Editora USP. (Obra original publicada em 1677)
- Foucault, M. (1999). Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes.
- Gama, I., Andrade, R., & Mizoguchi, D. H. (dez, 2019) Análise e criação de dispositivos: tarefas para uma Psicologia Social. *Revista Polis e Psique*, 9(3), 26 - 42. Recuperado de: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/88506>.
- Muniz, T. P. (2019). Branquitude e racismo institucional: Desafios no enfrentamento da ignorância estratégica. In *Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, Núcleo de Relações Raciais [livro digital]: percursos, histórias e movimentos*, (pp. 57 - 70). Porto Alegre, Brasil: Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul. Recuperado de: http://www.crprs.org.br/conteudo/publicacoes/ebook_NRR_final.pdf
- De Oliveira, D. C., De Oliveira, R. W., & Almeida, L. (2019) Pesquisa Participativa Decolonial: Movimentos de Pensamento entre Terra e Marte. *Revista Polis e Psique*, NÚMERO ESPECIAL: 20 ANOS DO PPGPSI/UFRGS, 107 - 127. Recuperado de: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/97526>
- Osorio, R. G. (2009). Classe, raça e acesso ao ensino superior no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, 39(138), 867-880. DOI:10.1590/S0100-15742009000300009.
- Passos, E., Kastrup, V. & Escóssia, L. da. (2010). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina.

- Quijano, A. (2015). *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: CLACSO.
- Rocha, M. L. & Aguiar, K. F. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(4), 64-73. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n4/v23n4a10.pdf>
- Rolnik, S. (2018). *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições.
- Santos, A. L. (2009). *Do Mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis* (Tese de doutorado). Departamento de Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Recuperado de: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92552>.
- Sawaia, B. B. (2006). Introduzindo a afetividade na reflexão sobre estética, imaginação e constituição do sujeito. In S. Z. Ros, K. Maheirie, & A. V. Zanella, *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência*, (pp. 85-94). Florianópolis, Brasil: NUP/CED/UFSC.
- Sawaia, B. B. (2008). O sofrimento ético político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In B., Sawaia (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*, (pp. 97-118) Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Zanchet, L., Palombini, A. (2020). A noção de experiência na GAM brasileira: relações raciais e subalternidades. *Revista Polis e Psique*, 10(2), 33-52. DOI: 10.22456/2238-152X.104026.

Larissa Niemann Pellicer é graduada em Psicologia pela UFSC, foi bolsista de extensão pelo programa Pró-Extensão/UFSC.

Email: larissaniemann95@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3947-7140>

Laís Regina Schmitz é graduanda em psicologia pela UFSC, bolsista de extensão pelo programa Bolsa Cultura da Secarte/UFSC.

Email: reginaslais@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1514-0466>

André Luiz Strappazzon é professor Adjunto do departamento de Psicologia da UFSC, integrante do Núcleo de Pesquisa em Práticas Sociais, Estética e Política.

Email: andreluistra@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9262-8556>

Andréa Vieira Zanella é professora titular aposentada do Departamento de Psicologia da UFSC, docente permanente do PPGP/UFSC, bolsista em produtividade do CNPq.

Email: a.zanella@ufsc.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8949-0605>

Submissão: 27/09/2020

1ª avaliação: 04/07/2021

Aceite: 07/02/2022